

APRESENTAÇÃO

Gilvan Fogel*

1. *A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores* são textos e não uma obra de Friedrich Nietzsche.

Por obra, habitualmente, se entende e se subentende uma exposição sistemática, isto é, a apresentação de um tema, de um problema, de maneira articulada e *bem composta* (*sistema*), seguindo um fio condutor, uma certa idéia ou concepção orientadora. A rigor, ainda que a concepção “vontade de poder” atravesse e conduza, quer explícita, quer implicitamente, todos os textos, *A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores* não é isso – a saber, uma obra em sentido habitual ou canônico. Antes, trata-se de um apanhado de textos, de uma coletânea de anotações e de fragmentos, com base no vasto acervo póstumo [*Nachlass*] de Nietzsche, principalmente no que diz respeito às anotações do filósofo nos cadernos (uma incrível quantidade deles!) escritos na década de 1880, que foi a sua última década produtiva.

A primeira edição desta coletânea de textos surgiu em 1901, logo após a morte do filósofo (1900), com 483 fragmentos. Uma segunda edição, de 1906, com 1.067 fragmentos, constitui a versão mais conhecida e divulgada, que serviu de base para a presente tradução.

Tal coletânea foi organizada por Elizabeth Förster-Nietzsche (livros 2 e 4), irmã do filósofo, e por Peter Gast (livros 1 e 3), diletto amigo, segundo um plano de Nietzsche, datado de 17 de março de 1887. Há outros planos, diferentes esboços de Nietzsche, visando à organização de uma tal obra (*A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores*) que, por diversas circunstâncias, principalmente relacionadas à saúde, jamais veio à luz.**

* Doutor em filosofia pela Karl-Ruprecht Universität, Heidelberg, Alemanha, e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de *Da solidão perfeita* (Petrópolis, Vozes, 1998) e *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche* (São Paulo / Ijuí, Discurso Editorial / Editora Unijuí, 2003).

** Esse plano, de 17 de março de 1887, encontra-se em *Kritische Gesamtausgabe, Herausg. Von Giorgio Colli u. Mazzino Montinari, Walter de Gruyter*, Berlim, 1974, VIII-1, 7 [64]; quanto a outro plano, ver, por exemplo, op. cit., 6 [26]. E também, como último plano, op. cit., 1972, VIII-3, 18 [17].

Elisabeth Nietzsche e Peter Gast, apoiados no referido plano, subdividindo-o em capítulos segundo critérios próprios, ainda que com acenos nos escritos, tomando a divisão proposta no plano escolhido em quatro livros e servindo-se do acervo póstumo existente, foram *enchendo* esse esqueleto, *preenchendo*, *encorpando* e *engordando* esses livros, no caso da edição de 1906, com textos que, de acordo com o assunto, o teor ou a natureza deles, se mostravam oportunos para se *enquadrar* nos títulos-temas dos referidos livros do plano que estava sendo seguido. Não se sabe, evidentemente, se Nietzsche levaria a cabo a realização de uma tal obra planejada, qual seria o plano a seguir, se algum existente ou outro que viesse a ser concebido. Evidentemente, caso o fizesse, a disposição, a organização dos textos, assim como os próprios textos jamais seriam esta ou estes. Daí tratar-se, sim, de *textos* de Nietzsche, mas não de uma *obra* de Nietzsche.

É preciso que se enfatize: os textos são autênticos. Todos são da cunhagem, da lavra de Nietzsche. Não foram, como já se disse e se insinuou, distorcidos ou adulterados pelos organizadores. Não. Seu ordenamento e sua publicação, porém, não seguiram rigorosos critérios crítico-filológicos. Confrontados com a edição crítica, hoje disponível, se vê tratar-se de textos genuínos, ainda que, aqui ou ali, com pequenos erros e pequenos cortes, lacunas, não por alguma pretensa má-fé, mas por deslizos naturais de uma publicação que não segue normas crítico-filológicas próprias da acribologia científica. Isso é decisivo: os textos são autênticos e constituem uma rica coletânea de fragmentos da última década produtiva de Nietzsche. Uma tal coletânea, em versão integral, com os 1.067 fragmentos, era desconhecida por nós, no Brasil, em tradução para nossa língua. Hoje, na edição crítica, inicialmente organizada por G. Colli e M. Montinari, depois seguida por W. Müller-Lauter e K. Pestalozzi, em Walter de Gruyter, Berlim, os textos estão diluídos no corpo da edição, de acordo com a ordem cronológica de suas respectivas redações.

Que não se leiam, pois, estes textos com o espírito e o intuito de aí descobrir alguma *sistematização* da obra e do pensamento de Nietzsche. Os textos não seguem, não obedecem a nenhum *plano*, ainda que em rigorosa unidade e consonância com o pensamento maduro de Nietzsche. É preciso, portanto, que vejamos tal *obra* como uma rica antologia de textos nietzschianos tardios. Diria Nietzsche, *dardos*, *flechas* lançadas contra nós, a nós...

Que dardos! Que flechas!

2. Vida, desde *O nascimento da tragédia*, sempre ocupou o centro do pensamento de Nietzsche. Vida, que em princípio não se refere a nenhum fenô-

meno da ordem do biológico, fala do que o grego, sob a designação de *psyché*, de modo amplo e geral, caracterizou como movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Assim também se assinala *começo* [*arché*], que não começa e não pode começar. Esta visão ou experiência caracteriza igualmente *círculo*, isto é, *inserção*. Inserção como estrutura de começo, de *arché*, de *vida*. Portanto, nada *fora* – além ou aquém. Princípio de si mesmo; princípio que não principia, começo que não começa. Então, irrupção súbita, gratuita, e isso, de novo, perfaz círculo, circularidade ou inserção.

Pois bem, essa estruturação ou fenômeno, que fala da experiência grega de *arché*, Nietzsche, mais ou menos a partir do *Zarathustra*, passa a denominar *vontade de poder* – *Wille zur Macht*. Esta noção, para Nietzsche, dá maior clareza, maior inteligibilidade à vida. Por que vontade? Por que poder? O que propriamente quer dizer isso?

Vontade, que não é nenhum poder da subjetividade humana, nada de decisão ou arbítrio de alguma faculdade subjetiva do homem, se refere, antes, à *transcendência* que caracteriza a inserção, que perfaz o círculo que é vida, que é *arché*. Assim, vontade fala da espontaneidade do irromper da vida, de seu livre movimento de *auto-exposição* ou *aparicação*. Espontaneamente, gratuitamente, vida é acontecimento de vir à luz, fazer-se visível e, assim, *crescer*, isto é, agravar-se, intensificar-se. E isso mesmo é *poder*, à medida que é realização e, então, assim, impõe-se, impera, vige e vale. É força – *esta* força – concretizada. Vida é vontade de poder, quer dizer, desde nada, a partir de nada, movimento livre (gratuito, sem porquê, sem causa) *de, para* [*zur*] *aparicação* e, então, assim, imposição, vigência – poder. Vida, enquanto e como vontade de poder, é a fala do extraordinário, do *milagre* que o grego experimentou como o elementar de ser-aparecer. Sim, isto, a vida, é o elementar ou o *elemento* – o *medium*. A tendência, ou melhor, o espontâneo desse aparecer, portanto o próprio de vida e de vontade, é *crescer*. Não crescer no sentido somativo, aglutinante, avolumando-se e agigantando-se (engordando!), mas crescer como se agravar, *se intensificar* e, assim, de algum modo, ganhar clareza, nitidez e lucidez na sua própria história [*Geschichte*], isto é, no seu próprio destino ou envio histórico, pois é *isso* que, verdadeiramente e em última instância, está em questão. Então, nesse sentido, é envio, destino e crescimento, isto é, intensificação de poder. Esse crescimento, essa clareza ou evidência de destino ou de envio histórico pode e até precisa ser também o crescimento e a intensificação do obscuro, da sombra, do insondável. Portanto, nenhuma veleidade faustiana ou nada de vontade cartesiana de *representação* clara e distinta. Esse crescimento, essa intensificação própria de vida, de vida ascendente, se caracteriza por um fazer-se ou tornar-se cada vez mais econômico, mais

simples, e isso se mostra exemplarmente na arte, na criação artística, enfim, na obra de arte.

3. A década de 1880, na vida de Nietzsche, constitui o período de maior lucidez, de maior intensidade de seu pensamento – de maior poder. É quando seu pensamento está mais afinado com a gravidade de sua tarefa e mais afiado para sua consecução. Essa lucidez coincide com a cunhagem do pensamento vida como vontade de poder. À luz desse conceito, dessa “psicologia e morfologia da vida”, como ele mesmo denomina, Nietzsche, ou melhor, *esse conceito* vai medir-se, isto é, confrontar-se, discutir com a tradição filosófica do Ocidente. Em questão está a própria filosofia, a metafísica, o saber radical, de princípio e de fundamento. Enfim, em questão está *a ciência, die Wissenschaft*, na designação quase pomposa do idealismo alemão, ou seja, o saber (metafísica, ontologia), de modo geral. Este saber, em geral, aparece encarnado em seus grandes domínios: o conhecimento, a lógica, a moral, a teologia (cristianismo), a política, a arte. Em questão estarão conceitos orientadores como substância, verdade, causalidade, fundamento, sujeito, eu, consciência, representação, movimento, repouso, um, múltiplo, todo, parte, aparência, essência, teleologia, história etc.

Desde vontade de poder, como um pensamento fundamental, então, um saber de princípio, esses conceitos básicos da tradição, *inclusive a própria vontade de poder*, no jogo da confrontação, são vivisseccionados e, assim, atravessados, perpassados – superados. Superar não é eliminar, excluir. Não se trata de eliminação histórica, de anulação e exclusão de tradição. Ao contrário, é assunção, incorporação. Superar fala, sim, de ultrapassar, de um ir sobre, para além e, *assim*, incorporar tais conceitos desde um outro horizonte, a partir de um outro *registro*, a saber, princípio, vida, visto (ou vista) enquanto e como vontade de poder e, claro, tudo que isso implica.

Superação, ultrapassamento da metafísica é uma conquista histórica do homem ocidental europeu, do tipo do humanismo greco-cristão, a partir da qual ele se transporta ou se transpõe, como dito, para um novo registro. Melhor, reconquista um velho, um velhíssimo e antiqüíssimo modo de ser: a própria vida como vontade de poder, que constitui um tônus, uma tensão vital, na qual e desde a qual a *tendência para substância, a vontade de verdade* é ultrapassada, superada, ou seja, é buscada, mesmo realizada e também sempre perdida, largada, abandonada, *esquecida* em favor do nada do fundo ou do fundamento e como sendo justamente isso e, assim, a realização do próprio sentido da vida, da existência, sem nenhum sentido. Inútil, no sentido de sem sentido (!) ou sem finalidade alguma para além ou aquém da própria

circularidade (finitude) da vida. Vontade de poder é o caminho trilhado por Nietzsche para essa conquista, para a conquista de um, *desse* fracasso. Tal conquista, a *desse* fracasso constitutivo, é doada ao homem, à humanidade ocidental, sob a forma de “*Übermensch*”, o *supra-homem*, o *para-além-do-homem*. No pensamento de Nietzsche, isso corresponde à *categoria criança*.

Nos textos enfiados sob o título *A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores* é preciso também se ouvir, se subouvir, a cada passo, a pergunta de Zaratustra: “Quem deve ser o senhor da Terra?” *Terra* é um outro nome para dizer o acontecimento gratuito, essencialmente finito, sem porquê, sem para quê, da vida. E: “Quem deve ser o senhor da Terra?” Não é o homem insurgido, rebelado, o tipo do ressentimento e da vingança, o homem da vontade escrava, hoje, o homem da racionalidade técnica e da tecnociência, mas a real resposta de Zaratustra soa: *senhor da Terra há de ser aquele que obedece ao sentido da Terra*. O sentido da Terra é vontade de poder, isto é, livre e espontâneo crescimento-intensificação do acontecimento vida. Desde nada, para nada, inutilmente. A obra de arte, por exemplo.

A tradução destes 1.067 fragmentos, que põe à nossa disposição um riquíssimo material do espólio de Nietzsche, é muito oportuna e ficamos gratos a ela.

Petrópolis, 7 de janeiro de 2008